

Minha avó deu de trocar as palavras

Narrativa de humor

Alface, almeirão e... ridícula?!

Por Gislaine Buosi

Alguns primos já haviam me falado: nossa avó Maria Elisa estava trocando palavras. “Será?”, duvidei. Talvez isso tivesse acontecido apenas uma única vez, duas, três vezes, no máximo. Ocorre que, de repente, a saudade bateu – meus avós são minhas relíquias, guardadas a sete chaves, no fundinho do coração. Foi então que decidi almoçar com eles – escrevi um bilhetinho e pedi que alguém o levasse à casa de meus avós. “Vovó, me espere pro almoço de domingo! Um beijo, Ana Clara!”

Cheguei a tempo de estender a toalha na mesa, arranjar os pratos, os copos e tal. Minha avó lidava com as panelas, meu avô na espreita.

— Vai apanhar as sobranças pra salada, Bianor!

Opa! “Sobranças”... pra salada? Meu avô e eu nos entreolhamos, ele retrucou, e então minha avó, meio brava, acrescentou:

— Os canteiros estão esparramando alface, almeirão ridícula... Vai, anda, Bianor! Vai apanhar as sobranças pra salada!

E não é que minha avó deu, mesmo, de trocar as palavras? Meu avô e eu rimos, às escondidas, depois que entendemos que ela queria “hortaliças” para a salada, e que o canteiro estava esparramando alface, almeirão e rúcula. Rimos muito, mesmo!

O almoço estava sendo deliciosa e divertidamente preparado. Mais alguns instantes, e ela me disse:

— Ficou sabendo que a vassoura bateu o carro?... Amassou o vira-lata...

A partir de então, toda vez que minha vó dizia alguma coisa, meu avô e íamos para algum canto da cozinha para que ele me traduzisse a prosa. “Ela quis dizer que a Vanessa bateu o carro, e que amassou o para-lama.”

Arrastamos as cadeiras, nos sentamos. Quando fui destampar a primeira panela, minha avó repreendeu-me, “hum, hum”, e então puxou a prece: “Pai nosso detrás do céu, sacrificado seja teu nome... O pão doce de cada dia...”

De tempo em tempo, meu avô pedia para ela repetir o que ela havia dito. “O que você disse, Maria Elisa?” Ela repetia. Até que, irritadíssima:

— Abridor, tá ficando surdo, é? Cê tá precisando consultar um ornitorrinco!

Não. Meu avô Bianor não estava precisando consultar um otorrino.

No final da tarde, ela levou-me ao pomar para colher “caravelas”. “Hummm... As carambolas estão docinhas, vovó!”